



## NOLA DARLING OUTRA VEZ: REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA EM “ELA QUER TUDO”, UMA ATUALIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA DE SPIKE LEE

Lucas Porfírio<sup>1</sup>

### RESUMO

Não é atual que a sexualidade negra seja representada como a sexualidade desviante e que esses possuem seus corpos objetificados, colocados ao prazer do outro. Assim, o presente artigo tem por objetivo a análise da série “Ela quer tudo” da Netflix, no intuito de entender como é construída a sexualidade da protagonista Nola Darling. Se propõe ainda a discutir os tipos de relacionamentos apresentados pela série: esta vende a ideia de amor romântico? Além disso, entender se a personagem é hipersexualizada e os tensionamentos possíveis a partir da série. A discussão aqui proposta tem por norteadora os escritos de bell hooks.

**Palavras-chave:** Ela quer tudo, Spike Lee, Representatividade feminina, Representatividade negra.

### INTRODUÇÃO

A representação da sexualidade de mulheres e homens negros pelo audiovisual e mercado cultural é comumente vista como a sexualidade desviante desde o século XVIII (hooks, 2019). bell hooks<sup>2</sup>, em “*Olhares negros: raça e representação*”, vai dizer que a sexualidade da mulher negra “tem sido representada pela iconografia machista e racista como mais livre e liberada” (hooks, 2019, p.136), podendo sugerir que essas possuem disponibilidade sexual e licenciosidade. hooks ressalta ainda que “o corpo da mulher negra só recebe atenção quando é sinônimo de acessibilidade, disponibilidade, quando é sexualmente desviante” (hooks, 2019, p.136).

---

<sup>1</sup> Jornalista pela Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ) e Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: lucasporfirio-94@hotmail.com

<sup>2</sup> Gloria Jean Watkins, feminista negra norte-americana, atua através do pseudônimo bell hooks, inspirado no nome de sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. O nome escrito com letras minúsculas é uma forma de militância que a escritora encontrou para chamar atenção para sua obra e não para sua pessoa. Desse modo, toda citação referente a bell hooks será escrita com o nome da mesma em letras minúsculas, conforme desejo da autora.



Desse modo, pretende-se através deste artigo lançar o olhar para “Ela quer tudo” (*She’s Gotta Have It*), série de comédia dramática, criada por Spike Lee para o serviço de streaming Netflix. A série retrata a vida de Nola Darling, personagem interpretada pela atriz americana DeWanda Wise, 35, e é uma atualização contemporânea do primeiro filme<sup>3</sup> de Lee, de 1986, que leva o mesmo nome da série.

No artigo “*De quem é essa buceta?: um comentário feminista*” hooks faz uma crítica à forma como a sexualidade de Nola Darling é abordada no filme de 1986. Em vez de trazer uma mulher negra sexualmente emancipada, a personagem é a representação do sujeito desejante:

Irônica e infelizmente, o desejo sexual de Nola Darling não é representado como um gesto autônomo, como uma busca independente pela expressão, satisfação e completude sexual. Ao invés disso, sua sexualidade declarada é com frequência exibida como se seu corpo, seu ser sexual fosse a recompensa ou um presente por ela concedido ao homem merecedor (hooks, 2011, p.199).

Já a série de 2017, atualmente em sua segunda temporada, apresenta-se com a proposta de empoderamento feminino negro, onde as mulheres podem fazer escolhas sobre seus corpos e comportamentos sexuais, e questiona ainda a sociedade machista vigente. A partir dessas questões iniciais o artigo propõe analisar o que muda do filme de 1986 para a série, se ela tem por objetivo a representatividade de mulheres negras, se reafirma ou não estereótipos de hipersexualização dos corpos. Além disso, discutir qual o ideal de amor apresentado pela série.

## **METODOLOGIA**

A metodologia do artigo consiste em uma análise de narrativa audiovisual. Para isso, foram decupados cenas de episódios centrais para a série que possibilitaram a compreensão do discurso da obra de Lee. Além disso, foi realizada uma análise comparativa, onde notou-se o que repete e se modifica entre a série de 2017 e o filme de 1986.

## **DESENVOLVIMENTO**

No primeiro episódio da série, intitulado “#SeJoga(DOUTRINA)”, é apresentado ao espectador Nola Darling, uma mulher negra, jovem, artista plástica, que tenta conciliar os seus três amantes, enquanto busca seus sonhos, segundo descrição do serviço de streaming. O

---

<sup>3</sup> O filme de “Ela quer tudo” de 1986 foi protagonizado pela atriz Tracy Camilla Johns e ganhou o prêmio Independent Spirit de Melhor Primeiro Filme.

episódio começa com um monólogo de Nola falando de si: “Eu me considero anormal. Mas quem quer ser como todo mundo? Eu não. Alguns me chamam de “louca”. E odeio essa palavra. Não acredito nela. Ou melhor, não acredito em rótulos. Mas... o que vou fazer?

Entendem?”. Essa fala da personagem pode ser entendida como uma tentativa dela de não cair no estereótipo da mulher histérica.

Além de Nola, são apresentados os outros personagens que compõem a série: Jamie Overstreet, Mars Blackmon, Greer Childs, Clorinda Bradford. Esses sujeitos são mostrados, como se estivessem conversando com o espectador, no intuito de definir a personalidade de Nola. A série utiliza como recurso uma estética documental para aproximar o espectador nesses momentos de apresentação. O primeiro a falar é Jamie, que diz: “Acredito sinceramente que há apenas uma pessoa neste mundo destinada a ser sua alma gêmea, sua companheira eterna. Mas essas pessoas raramente se encontram. Apenas perambulam por aí, sem destino, perdidos na maionese. Sabe, Deus é malandro. Na vida, Deus não te dá a pessoa que você quer. Ele te dá a pessoa que você precisa. Nola Darling ... é de quem preciso”. A fala de Jamie pressupõe um relacionamento monogâmico ligado ao amor romântico, ela é o que ele diz necessitar e busca. “No amor romântico, a absorção pelo outro, típica do amour passion, está integrada na orientação característica da “busca”. A busca é uma odisséia em que a auto-identidade espera a sua validação a partir da descoberta do outro” (GIDDENS, 1993, p.57). É importante ressaltar que o personagem é casado, tópico a ser discutido mais à frente, mas ao descobrir que Nola possui outros parceiros se irrita.

O segundo personagem a definir a personalidade de Nola é Mars: “E aí! O que tem a Nola Darling? O que querem saber? Acho que a Nola é uma louca. Você sabe. Maluca, louca, insana. Ei, olha só. A maioria dos caras querem as loucas. Eu quero. Quero? Quero!”. Essa fala contradiz a fala inicial da personagem feminina, que não gosta de ser definida desse modo. A fala de Mars é acompanhada de movimentos com o quadril, simulando uma relação sexual e com isso hipersexualizando Nola Darling.

Greer, o egocêntrico como é descrito pela série, é o terceiro amante a aparecer. Em suas palavras “sou a melhor coisa que já aconteceu à Nola Darling. Pergunte a ela. Ela vai confirmar. Aquela mulher me venera. Que belo par. Somos um casal e tanto. Quando estamos juntos... somos iguais pipoca com manteiga. Somos uma dupla dinâmica. Um par fantástico.

Amantes legendários”. Pressupondo que a personalidade de Nola existe apenas juntamente à sua, como se ela não possuísse uma identidade própria capaz de se sustentar.

Por fim, o espectador é apresentado a Clorinda, ex-colega de quarto da protagonista,

que vai falar das práticas sexuais da mesma: “Nola e eu éramos colegas de quarto até termos uma pequena discussão. Não vou mentir. A discussão foi grande. Ainda estamos bem. Somos amigas. Só não podemos morar juntas. (...) Eu levantava cedo para ir à aula e topava com caras diferentes no banheiro. Nada bom.”

No final do episódio, após passar por uma situação de abuso em que um sujeito estranho a chama na rua e tenta pegá-la pelo braço, Nola termina o seu monólogo se reafirmando naquilo que acredita, contrapondo a fala dos outros personagens e se mostrando como uma mulher independente, dona de si. Ela diz: “Todos me veem de forma diferente, mas não permitirei que pintem minha vida, que pintem quem eu sou. Estou lidando com quem sou agora, neste tempo e espaço. E tenho que buscar no interior para ver o que me faz feliz. E, se o Jamie, o Greer e o Mars quiserem lidar comigo, terá de ser nos meus termos. Nem mais, nem menos. E quem não seguir as regras pode cair fora. Vá com Deus. Um, dois ou três dedos não podem tapar o sol. A verdade é a verdade. Não sou louca, não sou viciada em sexo e com certeza, não pertencço a ninguém. E meu nome definitivamente não é Negra Vadia Filha da Puta<sup>4</sup>!”. A personagem se define, mostra o caráter político da expressão de sua sexualidade e o seu posicionamento diante do que a sociedade espera de uma mulher negra. Segundo Guacira Louro, “a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política. (...) a sexualidade é “aprendida”, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos”. (LOURO, 2000, página 8).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Logo no primeiro episódio é possível notar o que a série se propõe e o ideal de relacionamento por ela defendido. Giddens vai dizer que “o amor romântico é projetivo do amour passion, os potenciais parceiros sentem-se atraídos e então unem-se. A projeção cria uma sensação de totalidade com o outro” (GIDDENS, 1993, p.72). Nola não se sente completa com nenhum de seus três parceiros sexuais, ela estabelece outro tipo de relacionamento. Ela é uma mulher não monogâmica, abrindo assim espaço para que os seus parceiros também não o sejam. O ideal de relacionamento por ela buscado é fluido, onde os pares ali comprometidos não se enquadram na categoria de “para sempre” e “único”, pressupostos do amor romântico.

Seria Nola Darling adepta do que Giddens (1993) define por amor confluyente? Giddens ao falar do amor confluyente diz que a realização do prazer sexual recíproco é um dos aspectos necessários na manutenção ou dissolução de um relacionamento. Além disso, que ele vai se

---

<sup>4</sup> O homem que a aborda na rua a chama assim após ela não ceder ao assédio.

desenvolver em um ambiente onde todos possam ser sexualmente realizados. E não existe o conceito de mulheres respeitáveis ou não, Nola não deixa de ser uma figura que deve ser respeitada por transar com mais de uma pessoa. A série propõe essa construção de narrativa, onde todos os personagens que se relacionam entre si possam buscar a satisfação sexual sem se sentirem presos uns aos outros, esse modelo de relacionamento não exige exclusividade sexual.

Giddens explica ainda que o amor confluyente não tem ligação com a heterossexualidade, que a sexualidade é um fator que deve ser negociado entre as partes do relacionamento. Nola Darling se identifica como uma pessoa pansexual<sup>5</sup> e no episódio 4 intitulado “#BoraAmar(Sexualidade Fluida)” é apresentada na narrativa a personagem Opal Gilstrap, a quarta amante de Nola. Após ter atritos com o machismo dos três homens com quem se relaciona, demonstrado a partir do momento que ela usa um vestido preto, ela decide fazer uma “desintoxicação de pênis” (palavras da personagem). Diz que não terá nenhum homem em sua “cama do amor”, um dos principais símbolos<sup>6</sup> de sua liberdade sexual, mas que isso não significa que terá que ficar sem transar.

O relacionamento com uma mulher é inserido na trama a partir do momento em que os relacionamentos heterossexuais estão desgastados, como se esse não fosse uma possibilidade inicial. “A heterossexualidade é concebida como “natural” e também como universal e normal. (...) Conseqüentemente, as outras formas de sexualidade são constituídas como antinaturais, peculiares e anormais” (LOURO, 2000, p.13). Ao se referir ao relacionamento lésbico no filme de 1986, hooks diz que “a sexualidade lésbica em *She’s Gotta Have It* é representada de maneira negativa. Ela não apresenta uma alternativa à prática heterossexual destrutiva”. Já na série de 2017 o relacionamento lésbico é uma possibilidade, mas ao longo das duas temporadas é desconstruído. A primeira temporada da série termina com Opal e Nola juntas, deixando assim a expectativa de ver como a relação irá se desenvolver. Mas na segunda temporada, nos dois primeiros episódios, esse relacionamento é totalmente descaracterizado. A personagem Nola se mostra uma mulher imatura e irresponsável, passa a interferir no relacionamento de Opal com a filha Skylar, levando assim ao término.

Na primeira temporada, o relacionamento lésbico não ocupa o espaço público. Nola é mais reservada em sua relação com Opal do que com os outros três parceiros. O relacionamento ganha visibilidade apenas na segunda temporada, onde já se encaminha para o término. Spike Lee mais uma vez não é feliz em sua representação de relacionamento lésbico, infelizmente o

---

<sup>5</sup> É a atração sexual ou afetiva em relação as pessoas independentemente de seu sexo ou identidade de gênero.

<sup>6</sup> A personagem diz que transa apenas em sua “cama do amor”, uma forma de manter o controle sobre as suas relações e parceiros.

mesmo pode ser facilmente sexualizado e fetichizado por um público masculino devido às cenas de sexo. A sexualidade de Nola, mesmo atualmente, continua sendo a desviante.

Representações de corpos de mulheres negras na cultura popular contemporânea raramente criticam ou subvertem imagens da sexualidade da mulher negra que eram parte do aparato cultural racista do século XIX e que ainda moldam as percepções hoje (hooks, 2019, p. 130).

Mesmo após o término com Opal, Nola mantém contato com Skylar. A criança a confronta no episódio seis da segunda temporada, intitulado #EncarandoVerdades, sobre o seu antigo relacionamento com Jamie. Skylar pergunta a Nola: “Sabia que o Jamie era casado e tinha um filho quando trepava com ele?” A cena acontece após um episódio em que Nola encontra com Cherry, esposa de Jamie, em frente ao colégio de Skylar. Cherry humilha Nola a chamando de piranha de quinta, afirma que ela precisa “chupar rola” para sobreviver” enquanto desmerece o seu trabalho de artista e a ameaça agredi-la fisicamente.

A sucessão de fatos constrói para o espectador a imagem da mulher culpada pela separação de uma família, mesmo que desde o início da série, já no seu primeiro episódio, fica claro que Nola é uma pessoa que não tem um relacionamento monogâmico e é sincera com os seus parceiros. Já Jamie é mostrado como o marido arrependido, que quer reaproximar e proteger a família.

No filme de 1986 Jamie estupra Nola e pergunta “De quem é essa buceta?”, passando depois disso a ter um relacionamento monogâmico com ela.

Após o estupro, Nola deixa de ser sexualmente ativa e escolhe estar em uma relação monogâmica com Jamie, o parceiro que a coagiu. Ideologicamente, tal cenário enfatiza na consciência dos homens negros, e de todos os homens a pressuposição sexista de que o estupro é uma maneira efetiva de controle social patriarcal, que ele restaura e mantém o poder masculino sobre as mulheres. Simultaneamente, ele sugere às mulheres negras, e a todas as mulheres, que ser sexualmente emancipada irá levar à rejeição e a punição. (hooks, 2011, p. 203)

Se em 1986 Nola é punida por ser sexualmente emancipada como diz hooks, em 2017 ela é mais um vez castigada, dessa vez não com um estupro, mas com a humilhação pública.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de Nola Darling se considerar pansexual afetiva, a construção da personagem é falocêntrica, em que os relacionamentos heterossexuais são colocados em destaque. Mesmo que

no fim das duas temporadas a personagem acabe sozinha, aparentemente, tentando ir de encontro a sua arte, sua figura ainda é sexualizada.

Assistir a “Ela quer tudo” é importante, mas aconselha-se ao espectador, principalmente as mulheres negras, a terem o que hooks chama de olhar opositor, um olhar crítico que possui a potência de mudar a realidade. É preciso olhar para além da raça e do gênero, também deve-se atentar para o conteúdo, forma e linguagem. “A espectadora negra crítica constrói uma teoria de relações do olhar onde o prazer visual proporcionado pelo cinema é um prazer de questionar” (hooks, 2019, p.218).

hooks fala ainda que as mulheres negras não devem se furtar ao “projeto crítico de interrogar e explorar abertamente as representações da sexualidade da mulher negra que aparecem em todo lugar, especialmente na cultura pop” (hooks, 2019, p.153/154). A autora vai chamar as mulheres negras a ação e dizer:

(...) devem confrontar as velhas representações dolorosas de nossa sexualidade como um fardo que precisamos suportar, imagens que ainda nos assombram no presente. Devemos criar o espaço de oposição onde nossa sexualidade pode ser nomeada e representada, onde somos sujeitas sexuais - não mais amarradas e acuadas. (hooks, 2019, p.154)

Por fim, hooks defende que a prática crítica vai permitir a produção de uma teoria feminista do cinema que fale da experiência da espectadora negra. Além disso, ela fala que “ao olharmos e nos vermos, nós mulheres negras nos envolvemos em um processo por meio do qual enxergamos nossa história como contramemória, usando-a como forma de conhecer o presente e inventar o futuro” (hooks, 2019, p. 240).

“Ela quer tudo” representa mulheres negras, mas não é possível dizer se é uma obra que carrega o caráter da representatividade. Um dos questionamentos de bell hooks sobre a obra de Spike Lee é se seria possível um homem representar bem uma mulher negra, sem estereotipar, sexualizar, fetichizar. Desse modo, não coube neste artigo a outro homem dizer se mulheres negras se enxergam ou não em Nola Darling, mas sim discutir os tensionamentos possíveis a partir da personagem.



## REFERÊNCIAS

GIDDENS, Anthony. O amor romântico e outras ligações. In: A construção da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIDDENS, Anthony. Amor, compromisso e relacionamento puro. In: A construção da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993

**hooks, bell. Olhares Negros. Raça e Representação. São Paulo: Editora Elefante, 2019.**

hooks, bell. “De quem é essa buceta?”: um comentário feminista. In: Mulheres, homens, olhares e cenas. Curitiba: Editora UFRP, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: O corpo educado - Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

